

# Uma outra Patagónia

É com factos, retirados de um artigo do *New York Times*, sobre a geografia da Argentina (aqui projectados num palco vazio), que somos acolhidos em *Terras do Sul*: “Apesar de menos de cinco por cento da população viver na Patagónia, a região ocupa quase metade do território nacional e canaliza a maior parte das reservas de água potável e energia hidroeléctrica — e oitenta por cento do petróleo e gás natural da Argentina”.

A dupla Azkona & Toloza é conhecida por fazer um tipo de teatro a que se chama ‘documental’. Em cena confrontam-nos com o resultado de anos de pesquisa sobre temas prementes da actualidade. E a partir daí, de uma forma delicada mas sólida, própria de quem sabe contar uma história, envolvem-nos nessa realidade. *Terras do Sul* investiga as estreitas relações entre as grandes fortunas multinacionais, os estados sul-americanos das antigas colónias, a exploração desmedida dos recursos naturais e dos corpos que os habitam e aí sofrem. Varas vermelhas com gan-

chos, pirâmides de plástico preto, cilindros de espuma verde e gelatinas azuis desenham no palco um imenso território feito de cordilheiras, vulcões e um grande lago.

Em palco, com auriculares, Laida Azkona e Txalo Toloza-Fernández reproduzem os testemunhos dos mapuches que gravaram previamente. São relatos de um regresso à terra de gente que luta para que lhes devolvam os territórios que haviam sido das suas famílias. Um roubo que os desapropriou da sua identidade.

Graças ao escritor Bruce Chatwin, a longínqua Patagónia era para muitos sinónimo de boa literatura de viagem. Pessoal mas transmissível: “Na Patagónia, o isolamento presta-se a que exageremos a pessoa que somos: o bêbado bebe, o devoto reza, o solitário isola-se ainda mais, às vezes de forma fatal”. *Terras do Sul* muda o foco da nossa atenção para um olhar menos egoísta e mais colectivo.

*Terras do Sul* é sobretudo um espectáculo sobre a barbárie, o progresso e os homens que inven-



*Terras do Sul* foi anulado no ano passado devido à pandemia

taram um país europeu do outro lado do Atlântico — nomeadamente Luciano Benetton, que é dono de grande parte da Patagónia. Conhecemos a marca de vestuário deste empresário, em grande medida, graças às suas badaladas campanhas publicitárias do final dos anos 80, que actualmente assumem um cariz marcadamente multiétnico. O que não será do conhecimento geral é que o império de Luciano Benetton é, entre outras coisas, proprietário do aeroporto Roma/

Fiumicino e de quase todas as autoestradas italianas — bem como de cerca de 20% da totalidade do território argentino, onde se situa a Patagónia, o território ancestral do povo mapuche, que desde os anos 90 do século passado luta para recuperar as suas terras, privatizadas pelos sucessivos governos neoliberais do seu país. *Terras do Sul* desmascara, assim, uma das maiores e mais perversas especulações imobiliárias da História.

## 0 sentido dos Mestres: dia 1

José Manuel Castanheira (JMC) apresentou-se ontem na Casa da Cerca aos participantes, de forma provocatória, como um ‘não-arquitecto’. Definiu a cenografia como “uma invenção de espaços para a vida, com raízes numa ficção”.

O primeiro módulo do curso foi um pretexto para JMC levar os participantes numa viagem de

milhares de anos pelos espaços e estruturas onde se fez — e nalguns casos ainda se faz — teatro. Anfiteatros gregos e romanos, com destaque para o Coliseu de Roma, que podia ‘meter’ água para ali se fazerem batalhas navais encenadas; e os pátios e currais renascentistas, com destaque para o lisboeta Pátio das Arcas: construído em 1590 na Baixa da cidade, e to-

talmente destruído pelo terramoto de 1755. Evocaram-se ainda as estruturas isabelinas, com destaque para o londrino Globe Theatre.

Recordou-se de que forma os teatros são uma utopia, mas também um território palpável na sua relação com a comunidade onde se inserem, concluindo: “o lugar para fazer espectáculos tem de ser uma interrogação permanente”.



41 pessoas participam nesta edição

# O rito, a máscara e uma ideia de catarse

No colóquio de ontem Marco Martins, o encenador de *Selvagem*, explicou-nos que este espectáculo teve a sua origem numa pesquisa sobre as máscaras na Europa e sobre quem perpetuava os rituais com elas relacionados: “Este trabalho parte da vontade de encontrar o outro por trás da máscara. O ponto de partida foi o ritual. Com pessoas diferentes de países diferentes, e na procura de algo identitário e comum entre elas, a expressão que surgia sempre era ‘tradição’, “mas a tradição significa coisas muito distintas

para uns e para outros. Há um lado de respeito com as máscaras”, continuou o encenador.

Para Marco Martins, “o movimento, a memória do corpo, é sempre o princípio do trabalho”. Ora, a máscara, só por si, fixa os movimentos associados a este objecto. Sobre os actores do espectáculo, explicou que “estas pessoas que estão a trabalhar para teatro não partem do teatro: não há uma apropriação de uma personagem. São actores a representar actores. Sendo pessoas do campo, a relação deles com os animais é muito

mais profunda do que com as pessoas. Há a ideia de catarse, que significa para cada um a tradição”. Interpelado por Helena Simões, Martins referiu-se também a outros trabalhos seus: “no caso de *Provisional figures* [apresentado no Festival de 2019], eu tinha acesso às histórias, ao que eles contavam sobre a fábrica, mas não tinha acesso à fábrica”. No final, Marco Martins sublinhou a colaboração com o Festival nesta criação, e a capacidade de ultrapassar as dificuldades inerentes a um projecto que decorreu em diversos lugares.



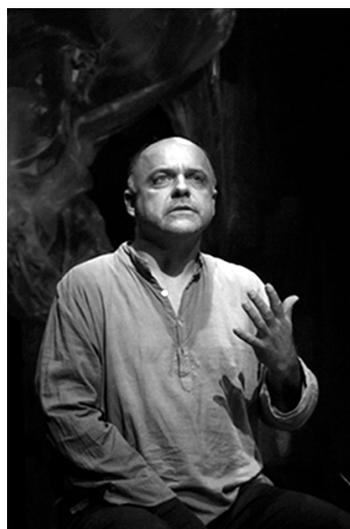
Marco Martins e Helena Simões

© Luana Santos

## MEU FESTIVAL Pura magia

Estávamos a 16 de julho de 2012. O palco era o do Fórum Romeu Correia. O espaço certo para ouvir um teatro íntimo. Em palco entra um personagem com um braço ao peito, um ar acanhado, que começa devagar a desenrolar as palavras: voz rouca, um olhar com um azul cada vez mais vibrante. Assumidamente vestia a pele de um contador de histórias daqueles que associamos a um país longínquo. Eis a história de *O Sr. Ibrahim e as flores do Corão*, de Éric-Emmanuel Schmitt: um meni-

no judeu (mal-amado), Momo, encontra um merceeiro árabe, o Sr. Ibrahim, disposto a oferecer-lhe o que ele mais precisava: atenção e amizade. Uma lição de sabedoria, de tolerância, de fatalismo e de bondade, de um dos mais populares dramaturgos da actualidade. Um texto para dois personagens representado por um único actor. Do princípio ao fim, a atenção do público fica cada vez mais presa e mais surpresa. Pura magia. No final houve uma tremenda ovação, e tive o privilégio de me levarem a conhecer Miguel Seabra, o actor e encenador. Nesse ano a peça ganhou o prémio de Espectáculo de Honra, numa votação do público. | Ana Bárbara Ribeiro, 57 anos, jurista

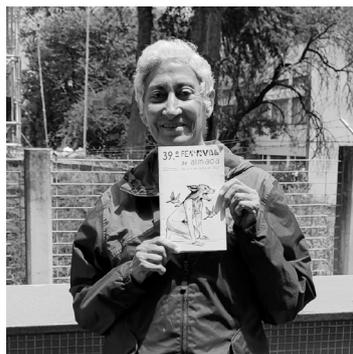


Miguel Seabra tem desenvolvido uma relação duradoura com o público do Festival

© Nuno Figueira

## O prazer do reencontro

Francisca Rosa Montes é alentejana e vive no Pragal. Na manhã do dia 16 de Junho estava à porta do TMJB a aguardar a abertura da bilheteira para trocar os bilhetes da sua Assinatura. Foi a primeira espectadora a fazê-lo: “Às 10h45 já estava à porta, e trouxe farnel”. À pergunta se valerá a pena vir tão cedo, respondeu: “O ano passado não consegui ser a primeira, mas desta vez fui”. O Tomé, que vem do Algarve de propósito, e que o ano passado tinha sido o primeiro, estava a ouvir a conversa e exclamou: “Quando aqui cheguei deu-me logo vontade



de cortar os pulsos, mas não era motivo para isso”. Francisca Montes, notoriamente satisfeita, acrescentou que “os dois a seguir na fila eu já os conhecia: isto é uma família, e assim se passa o tempo. Acho o programa muito bom. O Festival é uma das melhores coisas para mim”.

## Munyaneza na Esplanada

A autora, coreógrafa e intérprete de *Malhas* estará amanhã à conversa na Esplanada com Emilia Costa, para mais um Colóquio. *Malhas* consiste numa catarse política, poética e íntima. Em palco seis mulheres tecem em conjunto um manto com as suas histórias de vida e luta pela sobrevivência. Munyaneza foi considerada pelo diário francês *Libération* como “um animal de palco”. A Compagnie Kadidi é presença regular no Festival d'Avignon e no Festival d'Automne, em Paris.

## AGENDA DE AMANHÃ

15:00 | O sentido dos mestres  
**José Manuel Castanheira**  
Casa da Cerca

18:00 | Colóquio  
**Dorothee Munyaneza**  
Escola D. António da Costa

20:00 | Música  
**Active Mess**  
Escola D. António da Costa

21:30 | Teatro  
**Se eu fosse Nina**  
Teatro Municipal Joaquim Benite

21:30 | Teatro  
**Terras do Sul**  
Fórum Romeu Correia

21:30 | Teatro  
**Eu sou a minha própria mulher**  
Teatro-Estúdio António Assunção

21:30 | Teatro  
**A coragem da minha mãe**  
Incrível Almadense

## RESTAURANTE DA ESPLANADA

HOJE  
Tomates recheados  
Choco frito com salada russa

AMANHÃ  
Carbonada criolla  
Bacalhau cozido

